

complementado pela justeza dos comentários, pela informação correta acerca da obra publicada de Lima Barreto e por uma meticulosa seleção bibliográfica de trabalhos sobre o Autor.

ANTÔNIO ARNONI PRADO

Universidade Estadual de Campinas.

JOSÉ LOPEZ HEREDIA: *Matéria e Forma Narrativa d'O Ateneu*. São Paulo: Edições Quíron, 1979.

Temos neste volume um estudo de *O Ateneu* de Raúl Pompéia, no qual López Heredia aplica a metodologia e as teorias de análise textual à narrativa do romance. O autor encontra-se em terreno virgem com este estudo, visto que até agora não apareceu nenhum estudo compreensivo da estilística de Pompéia. O fato que *O Ateneu* se inspirou na vida de Pompéia mesmo causou que a crítica se preocupasse principalmente com os aspetos biográficos do romance. E por ser a única obra de destaque de Pompéia tem-se escrito algumas páginas quase mesquinhas, tocando sempre no problema de classificação da obra dentro dos padrões da escola naturalista. Olívio Montenegro, por exemplo, em *O Romance Brasileiro* (1938), chega até sugerir que *O Ateneu* não seja um romance em sua totalidade. Escreveu Montenegro, «este livro é um misto de romance, de memórias e de crônicas. Mas em tudo prevalece a imaginação romanesca do autor» (2.^a ed., p. 116). Montenegro conclui que Pompéia devia ter escolhido outro meio e não o romance para se expressar e criticar. Esta atitude da parte de Montenegro encontra-se em outros críticos que assinalam a incompatibilidade de *OA* dentro da literatura brasileira da época. O método de L.-H. então, com a sua análise de texto do romance que leva ao cabo, abre novos caminhos na crítica e na compreensão de Pompéia e d'*OA*.

O estudo divide-se em seis capítulos com os primeiros dois servindo de Introdução à perspectiva sócio-político-literária do Brasil da época de Pompéia. Os pormenores biográficos de Pompéia que têm repercussão em *OA* se dão a conhecer aqui. Também L.-H. apresenta o problema de classificação do romance, chegando à conclusão que *OA* tem aspectos de vários movimentos da década de 1880 —naturalismo e impressionismo— e até tendências românticas. No segundo capítulo o L.-H. dá uma análise do colégio «O Ateneu», como microcosmo do Brasil inteiro e da sociedade burguesa do tempo. Predominam no colégio, não os ideais de um centro de ensino, senão os motivos do lucro comercial.

O foco dos restantes capítulos é a análise textual do romance. L.-H. começa com a mecânica de *OA*, ou seja o ponto de vista da narrativa e a estrutura do romance. Segue-se a apresentação da técnica de caracterização, com um esboço individual de algumas das personagens principais. O capítulo sobre as imagens e símbolos, acredito, é o mais central ao estudo, sendo este recurso à imagística umas das funções importantes da invenção de Pompéia. L.-H. é o primeiro crítico de Pompéia que enfoca este recurso estilístico, revelando e desenvolvendo a importância dos símbolos do «animal» que tanto nos diz da mundividência pompeiana. Termina o livro com a técnica estilística, estudando a sátira, a eloquência, a estrutura da frase, as enumerações, e as repetições lingüísticas.

Em todos os capítulos o material é apoiado com citações de vários críticos literários e historiadores, particularmente norteamericanos, que escreveram sobre a história e a sociedade brasileira ou os métodos da crítica textual. Todos os ele-

mentos estilísticos no estudo são ponderadamente analisados, fornecendo ao leitor uma visão geral mas completa do estilo literário de Pompéia.

Umás dúvidas ficam, porém, quanto à redação do estudo. Não teria sido possível uma revisão mais cuidadosa que evitasse tantos erros tipográficos e ortográficos? Discordaria também com a maneira em que aparecem as referências das citações, causando uma concisão excessiva que não esclarece bem o texto. Por exemplo, o livro de Bertil Romberg, *Studies in the Narrative Technique of the First Person Novel* é citado como *SNTFPN*; Eloy Pontes e seu livro, *A Vida Inquieta de Raúl Pompéia*, aparece alternativamente como *VIRP* e *AVIRP*. Parece-me que o estudo devia ter incluído um capítulo mais para concluir e resumir as diversas idéias e fatos dos seis capítulos anteriores. Alguns exemplos da crítica de OA no Brasil poderiam ser citados para mostrar não só como o romance foi recebido quando saiu mas também como se interpreta agora.

Em suma, este estudo de L.-H. é uma valiosa contribuição para nos ajudar a entender melhor tanto uma figura literária quanto uma época literária que mesmo hoje fica tão pouco conhecida criticamente.

RENÉ CONCEPCIÓN

Queens College.

CANDACE SLATER: *Stories on a String: The Brazilian Literatura de Cordel*. Berkeley: University of California Press, 1982.

Hoje em dia, consideradas como parte do folclore ou literatura popular brasileira, as obras de literatura de cordel têm-se expandido pelos grandes centros brasileiros e têm sido também procuradas até no exterior.

Candace Slater apresenta nessa obra os importantes aspectos da literatura de cordel, pela autora aqui definida como a arte de contar estórias e fatos, em forma de versos, e desta forma, manter informada e entretida a população em geral, principalmente a das pobres regiões nordestinas.

Contém essa obra uma excelente revisão ou explicação sobre a base da literatura brasileira de cordel, desde o período colonial aos dias atuais. Informações sobre os poetas que mais publicaram e venderam folhetos e sobre os tipos de obra de cordel mais solicitados pelo público são também fornecidas aqui. Como fontes que contribuem para a criação de folhetos a autora cita tradições européias, como as baladas escritas, estórias bíblicas, almanaques de astrologia, versos improvisados, conhecidos no Brasil como desafios ou pelejas, e uma variedade de elementos índios e afro-brasileiros.

O público que promove e compra as obras de cordel varia de lugar para lugar. Nos grandes centros, entre os ouvintes de um autor e/ou leitor de cordel, encontra-se um crescente número de estudantes e turistas, ao passo que nas cidades menores a audiência é quase total de trabalhadores rurais e empregadas domésticas. Embora turistas e estudantes tendam a comprar grande quantidade de folhetos, o público mais fiel está mesmo é nas classes inferiores, o qual chega a comprar dois ou três livros semanalmente. Explica ainda a autora que a classe média ultimamente tem-se interessado pela literatura de cordel e por outras formas de arte popular, em decorrência do rápido avanço tecnológico ocorrido após a Segunda Guerra Mundial, o que ameaçou o modo tradicional de vida, chamando assim a atenção de um grande número de pessoas que começaram então a procurar preservar tradições culturais brasileiras, previamente ignoradas.